

## OS MUROS DA CIDADE ANTIGA: AS TRINCHEIRAS

LUIZ HENRIQUE TORRES\*

### RESUMO

Após a invasão espanhola da Vila do Rio Grande, no século XVIII, a população passou a incorporar o medo como componente definidor do cotidiano. As crises políticas com países platinos repuseram no século XIX o temor sobre a fragilidade da defesa da localidade. As trincheiras, os muros da cidade antiga, passam a proteger e também limitar os horizontes dos moradores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade do Rio Grande; século XIX; trincheiras.

### A CIDADE ANTIGA

Houve um tempo em que a cidade do Rio Grande buscava proteção atrás de muros que lhe garantiriam a defesa contra invasões terrestres. Certamente, a memória daqueles que viveram os conflitos com uruguaios, argentinos e paraguaios, em meados do século 19, ainda estava repleta de relatos da invasão terrestre espanhola de 1763 e do pânico que se apoderou da população. Posição de difícil defesa, a localidade sofreu outro sobressalto em 1777, com nova tentativa de invasão espanhola por D. Pedro de Cevallos.

Uma cidade atrás dos muros ou trincheiras e uma cidade extra-muros, definindo tudo aquilo que estava além de uma frágil linha de segurança. Porém, a cidade precisava crescer e expandir-se para além daquele restrito espaço onde nasceu o Rio Grande do Sul luso-brasileiro. O rompimento do imaginário de proteção dos muros esboçou-se timidamente através da morte e ocorreu em tempos de cólera, quando a epidemia diariamente ceifava vidas e o cemitério do Bom Fim, na rua Duque de Caxias, entrou em colapso. Surgiu em dezembro de 1855 o *cemitério extra-muros*, distante do centro urbano, isolando os mortos e preservando, no imaginário da época, a saúde dos vivos frente aos miasmas sepulcrais. Mas a cidade continuou a viver atrás dos muros até a década de 1870 e aí não parou mais de se expandir: a *cidade nova* faz parte desse fenômeno de crescimento. A cidade velha rompeu seus limites, mas preservou muitas histórias.

É desconhecido o ano em que tiveram início as obras das trincheiras. Houve uma experiência de fortificação que ligava o canal do Rio Grande até o Saco da Mangueira: o Forte de Sant'Anna do Estreito, construído a mando de Silva Paes, em 1737, e que perdurou até a década de 1750, desaparecendo nos areais das imediações da atual Hidráulica. Essa linha de defesa que fechava a península não mais se repetiu ao menos até a retomada do Rio Grande pelos luso-brasileiros em 1776. Mas foi resgatada numa dimensão não mais de uma grande fortificação que reunia mais de quatrocentos militares, mas, sim de trincheiras construídas em algum momento posterior. Conforme Antenor Monteiro, que publicou algumas matérias sobre o assunto no jornal *Rio Grande* na década de 1930, a localização das trincheiras ficava entre as atuais ruas General Portinho (nas proximidades da rua Comendador Vasco Vieira da Fonseca) seguindo pela rua Moron até o Saco da Mangueira. Portanto, aproximava-se entre uma e três quadras do atual canaleta da avenida Major Carlos Pinto (obra da década de 1920), sem se confundir com este. As evidências para localização são indiretas, mas o relatório da Câmara Municipal de janeiro de 1877 deixa uma pista, quando a Rua das Trincheiras passa a se chamar General Portinho: "Para perpetuar a memória de cidadãos que prestaram relevantes serviços à Pátria, durante o quadriênio findo, se havia dado diversos nomes a ruas, entre eles o de General Portinho à das Trincheiras" (conforme resolução da Câmara Municipal de 1º de junho de 1876). Outra pista é dada pela indicação da Câmara Municipal datada de 7 de abril de 1858 "para que a rua que corre dentro da linha de fortificações se denomine Moron"<sup>1</sup>. A rua das Trincheiras teria início nas proximidades da margem do canal do Rio Grande onde existia o Matadouro Público. Em relação à avenida Major Carlos Pinto, denominada por resolução de 19 de outubro de 1882 como *boulevard* 19 de Fevereiro, o relatório da Câmara Municipal de 1883 traz o seguinte esclarecimento:

Tendo a Câmara tomado conta dos terrenos que ficaram com a demolição das trincheiras, resolveu deixar entre a Cidade Nova e a rua Moron um extenso boulevard, de mar a mar, com largura de 40 metros, e ordenar ao engenheiro que medisse e demarcasse toda a extensão dos terrenos restantes entre o referido boulevard e o alinhamento da rua Moron, as quadras correspondentes ao alinhamento das desta cidade para serem vendidas em hasta pública.

---

<sup>1</sup> Citado por MONTEIRO, Antenor de Oliveira. *Ruas da cidade do Rio Grande de acordo com a planta da mesma do ano de 1947*. Rio Grande: (datilografado), 1947, p. 47. Atas da Câmara Municipal aqui citadas foram extraídas de Monteiro.

Em sessão da Câmara de 14 de setembro de 1885, o engenheiro interino da Câmara, Emilio Calgagno, comunicou ter procedido ao alinhamento. A denominação de *boulevard* Major Carlos Pinto foi dada em 1894, e de avenida Major Carlos Pinto, em 1939. Uma localização precisa das trincheiras necessitaria de escavações arqueológicas para identificar fundações construídas com tijolos ou outras evidências materiais.

## OS PRIMEIROS RELATOS

Uma correspondência enviada da Vila do Rio Grande e publicada em Porto Alegre no jornal *O Amigo do Homem e da Pátria* do dia 30 de outubro de 1829, demarca a existência das trincheiras, apesar de não aparecerem na planta da Vila do Rio Grande de 1829:

Ilmo. e exmo. sr. Raiou nesta vila o dia 2 do corrente, natalício de S. M. I. (D. Pedro I), e com ele foi arvorada na Trincheira a Bandeira Nacional, firmada com a salva de 101 tiros. Às 11 horas e meia se celebrou na Igreja Matriz um solene *Te Deum* oferecido pela Câmara Municipal, a que assistiu numeroso concurso de gente. Concluído este, seguiu-se ao lugar da grande Parada, composta do Batalhão 17 de Caçadores e 4 bocas de fogo comandadas por dois oficiais de Artilharia. Rompidos os vivas com o entusiasmo respondido a S.M.I., teve lugar a salva de artilharia de 101 tiros, seguida pela descarga de fuzilaria. Neste ato militar a que assistiu a Câmara Municipal, o Dr. Juiz de Fora, Clero, Cidadão e para bem dizer toda a gente do Rio Grande, deixaram perceber em seus semblantes a alegria que lhes fazia refletir um tal motivo. O sol deste dia foi despedido por igual salva de artilharia e em teatro particular se pôs em cena, à noite, uma peça oferecida por oficiais do Batalhão 17 representada por estes e alguns particulares, onde apareceu o retrato de S.M.I., dando motivos aos repetidos vivas que pareciam não acabarem de soar (...) Quartel do Rio Grande, 13 de outubro de 1829.

O jornal da Vila do Rio Grande *O Noticiador*, fundado por Xavier Ferreira, afirmou que estavam enterradas nas trincheiras várias peças de artilharia, rodízios e obuses, inclusive de bronze. Que as peças estavam colocadas em diversas posições “de uma irrisória trincheira que custara 40.000\$000” (10 de setembro de 1832). Na edição de 27 de setembro, o periódico deixou este registro:

Perto do lugar onde existiam as trincheiras do Moinho de Vento, acham-se 4 peças de ferro montadas e quase cobertas de areia; 2 peças de bronze também montadas e expostas ao tempo; 10 obuses de ferro de diversos calibres, desmontados e lançados sobre o chão; 16 diferentes reparos para montar obuses, todos dispersos pelo chão; 6 rodízios

grandes, alguns inutilizados e todos sobre o chão. Também existe o portão das trincheiras já bastante arruinado e com falta de um postigo, o quartel que serviu para a guarda militar do Portão e a cozinha do mesmo, tanto este como aquele, com falta de algumas portas e de muita telha que se lhe têm roubado.

O *Noticiador* também afirmou que as trincheiras foram levantadas a mando do Marechal Andréa, presidente da Província.

Conforme Antenor Monteiro, a necessidade de obras de defesa teve clamor acentuado a partir de 1850, pois o próprio relatório do Ministério da Guerra desse ano reconhecia essa fragilidade: “Na cidade do Rio Grande, porto militar importante, há apenas fortificações passageiras que estão arruinadas”. Para fazer frente a essa situação, foram liberados recursos para a compra de 250 toneladas de pedras, cal, barro etc., porém, as obras estavam sendo feitas em ritmo aquém dos anseios da população.

O jornal *Riograndense* do dia 9 de novembro de 1850 criticou as precárias obras realizadas nas trincheiras. O clima na cidade era de apreensão, devido a boatos de que o caudilho uruguaio Oribe cruzaria a fronteira com o Chuí e poderia avançar sobre Rio Grande:

Será preciso ter inteiramente renunciado ao bom sendo e à razão, para confiar no chamado entrincheiramento do Rio Grande, é obra digna de ir aos anais da arte de Vauban; parece obra de imprudência ditada pela loucura. Como é que hoje que a arte da fortificação se acha no último apuro de perfeição, hoje que temos um curso de Engenharia Militar, como que à vista de Deus e todo o mundo, se manda fazer um muro de tijolos, em muitos lugares até com barra simples e se nos diz – isto é uma trincheira que deve fortificar o Rio Grande, que deve obstar a invasão de um inimigo qualquer. Como, como nos dão gato por lebre e não querem que se fale, hoje principalmente, que forças estranhas se aproximam da nossa fronteira? Ah! Que é muito abusar da paciência dos habitantes desta cidade; expor-nos por uma tão ridícula maneira ao escárnio de quantos têm o simples bom senso, sempre nos ouvem chamar trincheiras a um muro quase sempre coberto de areia e que com uma bala de 12 que lhe toque, se despedaça e vai ainda em cima fazer mal àqueles que nele confiavam a sua defesa. E quantos contos de réis serão gastos nesse malfadado muro? Assim, pois, nós em nome de todos os moradores desta cidade, a mais comercial da Província, a mais exposta a qualquer invasão externa, rogamos, suplicamos de se dar alguma providência a fim de cessar o susto de que se acham todos possuídos pelas notícias na fronteira, porque, não temos com que, nem quem nossas fortunas e vidas defendam.

O período das décadas de 1850-60 foi muito tenso para os moradores da cidade, pois os movimentos de caudilhos argentinos e uruguaios poderiam chegar a tentativas de invasão, apesar da distância com a fronteira uruguaia. Porém, não podemos ignorar que São Borja e Uruguiana foram invadidas pelos paraguaios em 1865, o que, posteriormente, reacendeu o clamor por mais segurança militar. Entre os medos da cidade, a vulnerabilidade para a defesa era um dos mais presentes nessas gerações que viveram os conflitos na política externa brasileira com o Prata.

Antenor Monteiro, na década de 1930, buscou resgatar a história das trincheiras. Segundo ele, o então General e Conde de Caxias (atual patrono do Exército Brasileiro) chegou a Rio Grande em 26 de junho de 1851. O objetivo da viagem era tomar posse como Presidente da Província, em Porto Alegre, porém em sua estadia visitou as fortificações. No jornal *Diário do Rio Grande* do dia 14 de julho, foi publicado um anúncio que dava ciência de que o Conde de Caxias considerava necessária a fortificação das trincheiras. Foi aberta concorrência para compra dos seguintes produtos: pedra, 125 dúzias de tábuas, 1.800 moirões direitos de um palmo de grossura e 20 de comprimento, 240 linhotos de 25 palmos e 23.000 pregos diversos.

*O Riograndense* de 7 de novembro de 1851 noticiava:

Desde 14 de junho do corrente ano tem se construído cerca de 30.000 braças cúbicas de paredão de revestimento em alvenaria, incluindo o baluarte da esquerda com 14 palmos de altura sobre um alicerce de cinco de profundidade... Começou-se no baluarte da esquerda a construir as banquetas e plataformas; estas com 30 palmos de grossura e aquelas com dez, em caixões de tabuado pregado em grossos moirões e cheios da areia que obstruem a parte exterior das trincheiras, sendo as últimas camadas de terra plástica já tirada do lugar em que hão de abrir as fossas laterais. Enquanto os carpinteiros, serventes e carroceiros se empregam neste serviço, parte dos pedreiros levantam o paredão de revestimento que todo estava baixo e desigual e outra parte desmancham para reconstruir cento e tantas braças do dito paredão, que, tendo sido construído a barro e sem cal, saiu dois palmos fora da prumada e está em risco de abater, o que deve aumentar a despesa da obra. Em frente ao primeiro portão por onde transitam as carretas, construiu-se uma meia lua, com banquetta para fuzilaria, que deve defender a entrada da trincheira e a mesma obra naturalmente se fará no baluarte da direita. Desde a época acima marcada, em que começou a atual direção desta obra, têm sido constantemente empregados entre 110 e 180 operários e quando seja concluída e abertos os fossos laterais, montada artilharia e guarnecida competentemente, é indubitável que a nossa população fica abrigada de qualquer tentativa de ataque por terra.

Quando Oliveira Belo, vice-presidente da Província, visitou as trincheiras no dia 17 de janeiro de 1852, foi recebido pelo comandante Coronel Sepúlveda Everard com uma salva de 21 tiros. Um militar da Legião Alemã, Joseph Hormeyer, esteve na cidade em 1852 e constatou que as trincheiras continuavam em estado precário:

Rio Grande é muito fortificada, isto é, tem um número de fortes totalmente imprestáveis na costa e, contra o lado da terra, uma trincheira que corta a península em toda sua largura e serve muito bem como defesa contra as areias movediças; menos, porém, contra um inimigo presuntivo, pois esse pode cavalgar, em toda a carreira, por cima da trincheira, até mesmo sem suspeitar que neste lugar haja uma valada. A areia amontoadada pelo vento cobre, em muitos lugares, ambos os lados da barreira. Em Rio Grande está aquartelado, de momento, o Segundo Regimento de artilharia a cavalo, a saber, as quatro baterias alemãs alistadas em Hamburgo. Zombeteiramente podem ser chamadas de artilharia montada, visto que mal têm canhões, para não falar que não têm animais de tração nem cavalos para montar. O corpo que, inicialmente, tinha um efetivo de 700 homens, conta, como dizem, atualmente (fins de setembro de 1852) apenas 300; os outros desertaram em grupos de 20 a 30 homens, não sendo tampouco perseguidos pelas autoridades por se realizar, de maneira barata, a dissolução do corpo a qual por todos os lados é desejada<sup>2</sup>.

Os trabalhos de entrincheiramento tiveram continuidade em abril de 1853 com a chegada do Primeiro Tenente de Engenheiros Frederico Sarmiento Menna. Em 1º de junho desse ano ele envia correspondência a Câmara Municipal representando contra a edificação de terrenos a pouca distância do entrincheiramento e pedindo que a Câmara mandasse sustar essas obras até a demarcação que na forma das ordens ele faria.

Em sessão da Câmara de 7 de janeiro de 1854 foi discutida a Portaria nº 33, de 27 de dezembro de 1853, em que o Presidente da Província comunicava que o inspetor das obras militares iria “dirigir a construção do flanco e face direita do último baluarte e por isso cumpria que a Câmara, quanto antes, mandasse remover o curral e matadouro público”. O matadouro se localizava na rua Aquidaban, na face oeste com a rua Moron. Em 23 de novembro de 1854, o presidente da Província incumbiu o engenheiro civil Dietrich para realizar em Rio Grande as seguintes obras: construção da Casa da Pólvora, da cadeia e do entrincheiramento. As obras nas trincheiras tiveram continuidade até 1857, porém o relatório do presidente da Província, Silva Ferraz, de 4 de

---

<sup>2</sup> HORMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*. Porto Alegre: DC Luzzato; EDUNISUL, 1986, p. 37.

maio de 1859, afirmava: “Acha-se a linha de fortificação da cidade do Rio Grande, em parte, quase coberta pelas areias, e as plataformas, por serem de madeiras de má qualidade, estão quase inservíveis”.

As chuvas e o deslocamento da areia devido aos fortes ventos faziam as obras realizadas em poucos meses ou anos serem insuficientes. Os recursos para a manutenção eram escassos. A Guerra do Paraguai trouxe novos momentos de ansiedade para os moradores. O *Diário do Rio Grande* de 8 de fevereiro de 1865 informava que o comandante da guarnição, com ordem da presidência, iria “tratar definitivamente de remover as areias das trincheiras, de fora para dentro, e colocar peças, sendo as despesas feitas à custa de vários senhores capitalistas e proprietários desta cidade, a cuja frente se acha o Tenente Coronel Sr. Porfírio Ferreira Nunes”.

Os populares foram convidados a ajudar na exaustiva empreitada de remoção da areias que insistentemente voltavam a se depositar junto aos muros das trincheiras. Com o início da Guerra do Paraguai e a invasão de Uruguiana, as obras das trincheiras em Rio Grande tiveram incremento, como ficou registrado no diário do Conde D’Eu, que esteve na cidade em julho de 1865.

A fortificação, à qual dão o nome de trincheira, é uma simples linha de redentes que deve fechar, de uma a outra praia, a ponta de terra em que está edificada a cidade. Fez-se em toda esta extensão um muro vertical de alvenaria, indispensável para sustentar as terras ou, para melhor dizer, as areias que devem formar a obra. A falta de coerência destas areias dificulta muito os trabalhos, pois que ao mais pequeno vento logo se acumula areia do lado exterior do muro. Parece que já de há muito se pensava em construir esta defesa; porém só ultimamente se ativaram as obras. Resultou evidentemente esta resolução da idéia que no momento atual, e não sem fundamento, me parece dominar as autoridades e os habitantes da cidade. Temem que, se os paraguaios entrarem, como é muito para recluir, na parte oeste do Estado Oriental, se dê uma sublevação geral dos blancos, e que nesse caso os orientais, transpondo a fronteira do Chuí, venham atacar esta cidade. Foi com a mesma idéia que se armou a Guarda Nacional a cavalo de todas as povoações que se estendem daqui até o Chuí e das que ficam próximas ao Jaguarão. Trabalham atualmente nesta trincheira 120 operários sob as ordens de um major de engenharia. Logo ao pé fica o quartel da Guarda Nacional, no qual também está instalado o hospital militar. Tem umas poucas salas, espaçosas e bem ventiladas, e parece, em suma, estar funcionando perfeitamente.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> CONDE D’EU. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Hucitec; São Paulo: EDUSP, 1980, p. 24.

Em 7 de abril de 1866, conforme o *Diário do Rio Grande*, o andamento dos trabalhos estava adiantado:

As obras de fortificação desta cidade têm tido ultimamente um grande impulso, graças à atividade e zelo do Sr. Alferes Antonio Carlos de Oliveira e Mello, de cuja comissão se acha encarregado. A muralha que serve de linha de entrenchamento, a começar do flanco esquerdo, na extensão de 500 metros, está solidamente reparada e rebocada. Pela parte interior desta muralha, construiu-se uma esplanada de 198 metros, estando já estucada de leiva no centro. Já se acham prontas 7 plataformas, observando-se na sua construção os preceitos da arte, sendo 5 no flanco esquerdo e 2 no centro da linha do entrenchamento, com as seguintes dimensões: comprimento 8 metros, de boca 4, base 1, largura 10, altura 2, declive 66 centímetros.

Porém, em junho as obras novamente foram paralisadas, uma característica sistemática nesta edificação. Passado o grande sobressalto da Guerra do Paraguai, a importância das trincheiras decaiu e o abandono se faz presente. A cidade clamava romper os seus muros e a urbanidade buscava avançar sobre novos sítios. O relatório da Câmara Municipal do Rio Grande apresentado pelo Tenente-Coronel Antonio Chaves de Campelo em 7 de janeiro de 1881 explicita o fim do convívio da cidade com as trincheiras, o qual perdurou por mais de meio século:

Conseguindo a Câmara obter os terrenos extra-muros para a continuação da cidade para aqueles lados, era um grande embaraço ter de permeio as trincheiras que pouco ou nada poderiam servir em caso de necessidade, por existirem além delas as naturais trincheiras de cômoros de areia, tão convenientes para a defesa da cidade. Pedindo-se pois, ao Governo ordenasse a demolição das referidas trincheiras, foi a Câmara atendida imediatamente, como se vê do Aviso de 5 de novembro de 1878, do Ministério da Guerra. Mais da metade destas trincheiras já se acham demolidas, devendo o restante delas sê-lo em muito breve prazo.

Entre as décadas de 1820 e 1870 a cidade teve os seus limites delimitados pelas trincheiras. Estas se convertiam numa linha de segurança contendo em seu interior o medo enquanto parte do cotidiano do século 19. O crescimento urbano no ritmo da expansão capitalista rompeu os limites da cidade antiga.